

AMERICANIDADE/AMERICANIZAÇÃO

Zilá Bernd
UFRGS/CNPQ

Mérica, Mérica, Mérica,
Cosa sarà la sta Mérica?
Mérica, Mérica, Mérica,
L'è un bel massolino di fior.
(Anônimo)

Definindo os objetivos

Os objetivos da presente reflexão são muito ambiciosos, talvez demasiadamente ambiciosos e por isso pode acontecer que seu percurso fique inacabado. Mas acreditamos que valha a pena tentar refazer a trajetória que o conceito de **americanidade** perfaz através das Américas, retrazando seus deslocamentos, suas transferências e as razões pelas quais ele é ora reivindicado ora rejeitado, pairando quase sempre sobre ele o manto diáfano da ambigüidade. Justifica-se o esforço por ser um conceito intimamente associado às questões de identidade, podendo corresponder a um anseio de afirmação identitária mais abrangente, para além das nacionalidades, dos gêneros e das etnias, por tratar-se de um desafio de identificação continental. Pensando-se na extraordinária heterogeneidade do continente americano, esta proposta parece irrisória: como identificar-se a algo com tantas facetas onde convivem a riqueza e a pobreza, onde os desníveis econômicos e sociais são imensos e onde tantas culturas se mesclaram em diferentes momentos de sua história? Outro obstáculo talvez ainda mais difícil de vencer é que a proposta de adesão a uma identidade continental obriga a romper com os tradicionais pontos de referência étnicos, lingüísticos e nacionais que são os que, via de regra, criam entre os indivíduos a noção de pertença a uma comunidade. A grande vantagem é que a noção de americanidade - com suas variantes “américanité” e “americanidad” - obriga a introduzir a dimensão da alteridade na reflexão sobre o identitário, podendo se constituir como uma espécie de não-lugar identitário para as populações migrantes.

Temos que antes de mais nada nos entender sobre o que significam as expressões: americano/a, americanidade, americanização e até mesmo América. Se formos buscar ajuda no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, ele nos confirma que “americano” é uma noção imprecisa, relativa em geral à América do Norte, em especial aos Estados Unidos; em uma segunda acepção, americano figura como relativo à América ou a qualquer país deste continente. Enquanto, “americanizado” é referente à semelhança com os americanos dos Estados Unidos e “americanização” é o efeito de americanizar-se, de querer tornar-se semelhante aos cidadãos que vivem nos Estados Unidos da América por admiração ao seu modo de vida. A ambigüidade vem do fato desses cidadãos não se nomearem estadunidenses, mas americanos, num processo metonímico hipervalorizante. Enquanto os habitantes dos países latino-americanos estavam se empenhando em definir-se como argentinos, uruguaios, colombianos, brasileiros, etc, implicados em resolver a questão da identidade nacional, os estadunidenses se apropriaram dos termos América e “americano”, fazendo com que hoje, quando se fala de “cultura americana” ou “cinema americano” ou simplesmente quando dizemos que “fulano é americano”, por exemplo, associa-se o adjetivo, em primeiro lugar, aos Estados Unidos.

Uma das personagens de Noël Audet, ao viajar do Quebec aos Estados Unidos, é impedida de entrar no país pelos funcionários da alfândega que a proíbem de entrar na “América”. “Sans blague, proteste-t-elle, j’habite déjà en Amérique!” Elle a envie de leur crier des injures, de leur dire qu’ils ont usurpé à leur seul usage le nom d’Américains” (Audet, 1995, p.171).¹ Já Maximilien Laroche, em seus ensaios vem, desde os anos noventa, alertando para esta situação que nos impede de nomearmos a nós mesmos de americanos sem correr o risco da ambigüidade. Ele chama a atenção para a necessidade de romper com o círculo vicioso que une obrigatoriamente “uma certa palavra a uma coisa: a palavra americanidade, por exemplo, e a realidade América do Norte e, mais particularmente, esta palavra e a realidade dos EUA” (Laroche, 1992, p.193). O interessante no texto de Laroche é que ele não apenas constata a apropriação do termo pelos estadunidenses, como destaca os efeitos de ambigüidade que dela decorrem, passando para uma argumentação vigorosa em favor da reversão desta situação e propondo que redescubramos a América, ou que juntos – latino-americanos, antilhanos, brasileiros, quebequenses - a reinventemos. Neste sentido, ele cita os autores Bell Gale Chavigny e Gari Laguardia que, no livro *Reinventing the Americas, comparative studies of literature of the*

¹ “Isto é brincadeira, protesta ela, eu já moro na América! “Ela tem vontade de gritar-lhes injúrias, de dizer-lhes que eles usurparam, para seu uso particilar, a denominação de americanos”. (A tradução é minha)

United States and Spanish America (Cambridge University Press, 1986), afirmam que “a reinvenção da América deve começar pela demonstração (revelação) da incoerência retórica que cometemos a cada vez que designamos os Estados Unidos pelo signo ‘América’ um nome que pertence de direito aos hemisférios” (Chavigny e Laguardia, 1986, p.VIII, apud Laroche, 1992, p.195).

Percorso brasileiro

No século XVIII, José Basílio da Gama compõe *O Uruguai* (1769), obra que está nos fundamentos da identidade nacional, invocando o “gênio da inculta América” (canto IV) o que corresponde à personificação da Musa invocada inicialmente no canto I. Menciona ainda no canto V, a “Liberdade Americana” (com maiúsculas) e refere-se aos índios vencidos das Missões jesuíticas como o “rude Americano,/ que reconhece as ordens e se humilha,/ e a imagem de seu rei prostrado adora” (GAMA, V, 137-139)

Destaque-se, portanto, que, no que se refere ao Brasil, nem sempre se cometeu a “incoerência retórica” de que falam os críticos acima mencionados, pois a historiografia literária brasileira nos mostra que, do século XVII ao XIX, circulava a palavra “americano” em referência ao Brasil. José de Alencar, no prefácio ao romance *Sonhos d’ouro* (1872), ao introduzir a expressão “literatura nacional”, fala em “seiva americana”:

A literatura nacional, que outra coisa não é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui impregnou-se da **seiva americana** desta terra que lhe serviu de regaço, e cada dia se enriquece ao contato de outros povos e ao influxo da civilização.

Mais adiante, no mesmo prefácio, ao falar das três fases da literatura brasileira, reconhece que na segunda, a histórica, “se dá o consórcio do povo invasor com a **terra americana** e a lenta gestação do **povo americano**” (os grifos são meus). Como se vê, fica bem claro que no século XIX, o discurso social punha em circulação o ideograma americano/a como equivalente de brasileiro/a. Luiz Roberto Cairo, em artigo intitulado “Francisco Adolfo Varnhagen e o instinto de americanidade” (2000), investiga o que seja o instinto de americanidade “que tão de perto parece ter acompanhado a construção do instinto de nacionalidade na literatura brasileira”. Em

seu artigo, Cairo cita Hélio Lopes (1997) que definiu o americanismo como “uma exaltação do continente americano, visto como um dos aspectos do nacionalismo romântico brasileiro”(Cairo, 2000, p.86), chegando mesmo a afirmar que o “americanismo” dos românticos brasileiros consistia em uma usurpação do termo América: “chega-se a roubar o próprio nome da América para restringi-lo ao Brasil” (Lopes, 1997, apud Cairo, 2000, p.86). Esta constatação de “usurpação” da palavra América pelos românticos, em referência ao Brasil, é prova inequívoca de que os ideologemas viajam e que o “pecado” de usurpação cometido pelos estadunidenses já fora cometidos por nossos poetas românticos. Não seria difícil construir hipóteses sobre o porquê e o quando esta prática deixa de ser costumeira. Acreditamos que “América” e “americano” foram gradativamente substituídos por “Brasil” à medida que se consolidava o projeto nacional e que institucionalizar as letras brasileiras tornou-se uma urgência. Valeu enquanto significava oposição à Europa; quando os Estados Unidos passam a exercer influência sobre a América Latina, o interesse passa a ser o de se demarcar de um ideograma ambíguo em favor de um que representasse nossa identidade de maneira inequívoca como Brasil, brasilidade e brasileiro.

Os modernistas, a começar por Mário de Andrade, vão tentar definir a essência da brasilidade, sempre em oposição à Europa, interessando-lhes acima de tudo a construção da língua e da cultura nacionais. Suas sínteses não englobavam de forma alguma a Europa; Mário de Andrade volta os olhos para a América, ao recolher, para compor *Macunaíma*, mitos e lendas de toda a América Latina, tentando integrá-los em uma única narrativa:

- Paciência manos! Não vou na Europa não! Sou americano, o meu lugar é na América. A civilização européia na certa esculhamba a inteireza do nosso caráter. (Andrade, 1975, p.145)

Sem dúvida, os postulados da Antropofagia prefiguram-se como emergência do que hoje estamos chamando de americanidade, ao preconizar uma identificação distintiva ao continente americano. O poema *Cobra Norato*, de Raul Bopp (escrito em 1928 e editado em 1931), precursor da Antropofagia, ao apelar aos mitos cosmogônicos da Amazônia, associados à renovação, e ao aderir ao imaginário mágico-sacral dos nativos da América (“Agora sim, me enfio nesta pele de seda elástica (da cobra) e saio a percorrer o mundo”) está fazendo prevalecer a visão de mundo autóctone e afro-americana, sobre o racionalismo europeu.

Percurso quebequense

No contexto quebequense, talvez seja ainda mais complexa a relação com a América, pois sabe-se que a dupla colonização do Québec, primeiramente pelos franceses em 1534 e depois pelos ingleses em 1760, deixou uma ferida difícil de cicatrizar. Todo o empenho em preservar a língua e a cultura francófonas no território da província do Quebec teve que ser feito ao mesmo tempo a favor e contra a França, num jogo de ambivalências que perdura até hoje. A favor da França por ser imperioso para a comunidade preservar a herança do patrimônio cultural francês e contra ela, pois o ressentimento de terem sido *laissés pour compte*, quando da invasão inglesa, foi um trauma difícil de resolver. Por isso, parece à primeira vista paradoxal que a cultura francesa seja tão ferrenhamente defendida, enquanto os franceses (“les Français de France”) sejam considerados como os “maudits français” (malditos franceses). Esta situação determinou uma busca de afirmação identitária calcada no *repli sur soi* (no ensimesmamento), num retorno nostálgico ao passado e numa demarcação territorial circunscrita aos limites da província. A célebre expressão “nous autres québécois” (nós, os quebequenses) é reveladora de uma identidade de raiz única, voltada para a determinação e valorização da história, da língua, da religião, da cultura e dos valores herdados da colonização francesa. Esta postura de preservação caracterizou a afirmação identitária como defensiva, distante da fórmula dos antropófagos brasileiros cuja proposta era preferencialmente agressiva, de devoração da cultura do outro. No contexto do Quebec, o outro que ameaça o equilíbrio instável da cultura quebequense, foi, à época da invasão, a Inglaterra, passando depois a ser representado pela América anglófona, ou seja pelas províncias canadenses de língua inglesa e pelos Estados Unidos.

Só bem recentemente, a partir dos anos 70 do século passado, começa a haver uma abertura no debate identitário, com a inclusão de um número maior de interlocutores, representados pelos numerosos contingentes imigratórios que chegaram ao Quebec nos dois últimos séculos. Léon Bernier (2001) destaca a dificuldade para alguns quebequenses em pensar a identidade como um sistema de círculos concêntricos (identidade quebequense, canadense, americana), confundindo americanidade (**américanité**) com estadunidade. Porém, sobretudo entre os mais jovens, verifica-se a percepção de que o desenvolvimento de uma consciência continental, não se traduz pelo apagamento do sentimento de pertença a uma sociedade distinta, o Quebec.

A americanidade não se confunde com americanização (assumir o *american way of life*), pois remete – ao contrário – à inserção de um dialogismo, como oposição ao “consenso globalizante da anglofonia”. Como, nos dias de hoje, a grande maioria dos quebequenses são descendentes de imigrantes das mais diversas origens, emerge no Quebec uma francofonia mestiça, caracterizada pela permeabilidade e pela integração de distintos socioletos. Este é o ponto de vista de Van Schendel (2001) que introduz o conceito de **americanidade da francofonia** como vetor de uma pluralidade de pontos de vista e contraponto dialógico à globalização.

Gérard Bouchard, em *Génèse des nations et cultures du Nouveau Monde* (2000), vale-se reiteradas vezes do conceito de americanidade emprestando-lhe um sentido de resistência à atitude de buscar sempre referências na Europa. Para ele, o conceito é paralelo ao de africanidade ou antilhanidade, designando “a soma das transações através das quais os membros de uma população nomeiam e ou sonham com seu habitat” (Bouchard, 2000, p.23). É interessante notar também que americanidade designa, em sua reflexão, as marcas que a cultura e o falar populares adquirem por distanciarem-se dos padrões da norma culta emanada da Europa. Assim, ele afirma que a literatura erudita ficava muito tolhida pela norma da língua francesa, nutrindo uma relação de menosprezo com a cultura popular o que afastava os escritores “de uma americanidade viva e robusta que, aliás, forneceu um rico material às práticas discursivas” (Bouchard, 2000, p. 126). O emprego que faz do conceito é muito positivo, chegando mesmo a afirmar que só emerge uma literatura quebequense, a qual irá nomear a nação que passará a chamar-se Quebec, quando a cultura se torna realmente americana, isto é, deixa-se impregnar pelos neologismos, impurezas, anglicismos e transgressões associados à redescoberta da América. As mestiçagens seriam as figuras da americanidade, assim como, no contexto latino-americano, o crioulo, em um primeiro tempo, e depois o mestiço se tornam figuras autênticas da americanidade. Para o autor, a americanidade da América Latina está inacabada porque os processos de continuidade e ruptura (em relação aos modelos europeus) vêm se alternando e os mecanismos de apropriação simbólica não estão ainda inteiramente concluídos.

Pierre Nepveu, em *Intérieurs du Nouveau Monde; essais sur les littératures du Québec et des Amériques*, esclarece já no prefácio suas restrições em relação à noção de *americanité*, segundo ele, “neologismo quebequense que freqüentemente significou (e significa cada vez menos, felizmente) uma imensa ignorância da América e sua redução a valores estereotipados

nos quais não me reconheço: primitivismo, naturalismo, anti-intelectualismo, mitologia dos grandes espaços, sacralização da juventude e do novo” (Nepveu, 1998, p.7). Contudo, a relação de abertura que o autor propõe com respeito à América, faz do livro um ponto de referência obrigatório para quem pretende se deter nesta questão das relações entre as identidades nacionais e uma virtual identidade continental, que não se confunde com homogeneização nem com *melting pot*, mas com dispositivo de ruptura com a idéia limitadora de fronteiras e de limites, ampliando-se as noções de espaço. O que é acima de tudo valorizado, na revitalizante proposta de Nepveu, é a possibilidade que a americanidade - ou como quer que queiramos chamar as tentativas de estabelecimento de diálogo entre as Américas - oferece às literaturas, por mais ligadas que estejam a culturas particulares, de se abrirem a outras influências para, depois, voltarem mudadas, “carregadas de imagens e de idéias novas” (Nepveu, 1998, p.9).

Para encerrarmos, a tentativa de cartografar as migrações do ideograma da americanidade, no que se refere ao Quebec, é oportuno destacar a posição do historiador quebequense Yvan Lamonde. Em recente artigo (*Le Devoir*, out. de 2001), Lamonde desabafa criticando justamente a inflação da noção de americanidade nos últimos tempos, sobretudo a partir da Cúpula das Américas (Sommet des Amériques), que aconteceu em Quebec, em abril de 2001. Ele quer evitar que a noção de americanidade inflame as consciências e se torne um novo messianismo. Apoiado em suas pesquisas, aponta a necessidade de lembrar que a americanidade é apenas **um** dos componentes da identidade histórica do Quebec. Faz questão de sublinhar o ordinal “um” porque é preciso não esquecer que as experiências que ligaram o Quebec à França, como primeiro colonizador, e à Inglaterra, como segundo, foram tão determinantes para a formação da identidade quebequense quanto a experiência americana. Como se vê, ele entende por americanidade a constatação (e a aceitação) de pertencer ao continente e de vivenciar experiências americanas. Lembra que há uma síntese a realizar e que essa síntese deve incluir todas as heranças, logo a americanidade e a europeidade, e que a noção de americanidade não deve se confundir com uma aceitação incondicional da americanização “ou de qualquer forma de imperialismo, garantindo a vigilância contra qualquer projeto em que o econômico venha a comandar a continentalização do imaginário e da cultura”. (Lamonde, 2001)

Incontornáveis Américas

Do trajeto percorrido, podemos perceber que há nuances significativas entre os conceitos de *américanité* e *americanidade* o que era, aliás nossa hipótese inicial. Quanto ao conceito de *américanité* quebequense, trata-se sobretudo de destacar o seu caráter francófono, de reconhecer que a herança européia não foi exclusiva e que há lugares de memória (*lieux de mémoire*) incontornáveis relacionados à vivência americana. Gérard Bouchard fala, em sua obra já citada, em “gênese das nações e das culturas do Novo Mundo” e é um dos grandes defensores da “americanidade quebequense”. A americanidade, para além das variantes nacionais, repousaria sobre a matriz das coletividades novas ou culturas fundadoras. Lembremos que as coletividades novas são definidas por Bouchard como aquelas que desenvolvem modelos culturais a partir da **ruptura** com as metrópoles (e não a partir da **continuidade**, como é o caso das coletividades ditas transplantadas). O autor lembra também que esses espaços novos onde se erige a nova cultura, embora fossem na verdade já habitados pelas populações autóctones, “criaram circunstâncias próprias (pela ruptura com os modelos metropolitanos) a uma mitologia dos (re)começos, a uma espécie de tempo-zero (ao menos virtual, e às vezes real) da vida social” (Bouchard, 2000, p.15-16).

A americanidade na América Latina não se originaria, como quer Gérard Bouchard, nem com o crioulo nem com o mestiço, pois a mestiçagem se caracteriza pela homogeneidade (melting pot) e pela previsibilidade. Ela só emerge verdadeiramente com a posta em marcha dos processos de transculturação e de hibridação com seu valor acrescido da imprevisibilidade. O processo está inacabado, como sugere o historiador quebequense, mas sempre o estará, pois os processos de identificação estão em contínuo devir. O que interessa não é propriamente o acabamento, mas que as trocas, as interpenetrações e os processos de desiherarquização continuem a se realizar e que a idéia de uma **americanidade compartilhada** entre o norte e o sul continue a possibilitar a relação.

Colocamos em epígrafe a esse artigo, versos anônimos entoados pelos colonos italianos aqui chegados no século XIX. Sua curiosidade em relação à América era muito grande e muitas foram as utopias que se geraram em razão da expectativa da chegada. A América foi pressentida por eles como um “massolino di fior”, um ramalhete de flores, heterogêneo, múltiplo. As flores arranjadas em um ramo guardam cada uma sua identidade, mas sua beleza adquire um esplendor maior quando na harmonia do arranjo. Esta pode ser uma utopia oitocentista, mas corresponde à

intuição de um grupo que optou pela América como lugar onde realizar seus sonhos e ideais. Talvez estejam na voz popular e no imaginário mítico americano as chaves que levarão à decifração e/ou à (re)invenção da americanidade. Talvez sejam necessários, como quer Walter Mignolo, o surgimento de novos lugares de enunciação para dar força e criatividade a conhecimentos que foram subalternizados durante o processo de colonização (Mignolo, 2000, p.3-45). Redescobrir na oralidade, no saber popular, na “gnoseologia marginal” novas formas de habitar as Américas e de definir nossa pertença a elas pode ser a via de acesso à americanidade como lugar de resistência e recuperação da diferença colonial.

Bibliografia:

- ALENCAR, José de. In: TELES, Gilberto Mendonça et al (Org.). *Prefácios de romances brasileiros*. Porto Alegre: Acadêmica, 1986. 232p.
- ANDRADE, M. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Martins, 1975. 11.ed.
- ANDRÈS, B. & BERND, Z., org *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Québec: Nota Bene, 1999.
- AUDET, N. *Frontières ou tableaux d'Amérique*. Montréal: Québec/Amérique, 1995.
- BERND, Z. Um passeio pelas Américas. IN PORTO, M.B., org *Fronteiras, passagens, paisagens na Literatura Canadense*. Niterói: ABECAN/EDUFF, 2000. P. 105-120.
- BERND, Z. e CAMPOS, M.C., orgs. *Literatura e americanidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.
- BERNIER, L. L'américanité ou la rencontre de l'altérité et de l'identité. IN: CUCCIOLETTA, D. *L'Américanité et les Amériques*. Québec: Presses de l'Univ. Laval, 2001. P. 176-192.
- BOUCHARD, G. *Génèse des nations et cultures du Nouveau Monde*. Montréal: Boréal, 2000.
- L'Amérique comme terre d'utopie. *Le Devoir*, Montréal, 2001.
- CAIRO, L.R. Francisco Adolfo Varnhagen e o instinto de americanidade da literatura brasileira. *Vydia*. vol. 19, n. 34. Santa Maria (RS): Centro Universitário franciscano, jul/dez./2000, p. 85-90.
- COUTINHO, E. Mestiçagem e multiculturalismo na construção da identidade cultural latino-americana. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n.58, São Paulo, p.21-32.
- CÔTÉ, L.; TARDIVEL, L.; VAUGEOIS, D. *L'Indien génèreux*. Montréal: Boréal, 1992.

- COUILLARD, M. & IMBERT, P., org. *Les discours du Nouveau Monde au XIXe. Siècle au Canada français et en Amérique latine*. Ottawa: Legas, 1995.
- DE GRANDIS, R. & BERND, Z., org. *Unforseeable Americas: questionning cultural hybridity in the Americas*. Amsterdam: Rodopi, 2000.
- *Imprevisíveis Américas*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto/ABECAN, 1995.
- FIRMAT, P. G., org. *Do the Americas have a common literature?* Durham and London: Duke Univ. Press, 1990.
- FITZ, E. *Rediscovering the New World inter-american literature in a comparative context*. University of Iowa Press, 1991.
- GAMA, J. B. da. *O Uruguai*. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- GIGUÈRE, S. *Passeurs culturels: une littérature en mutation*. Québec: Les presses de l'Univ. Laval, 2001.
- HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Objetiva, 2001.
- LAROCHE, M. Américanité et Amérique. IN PETERSON, M. & BERND, Z., orgs. *Confluences littéraire: Brésil/Québec, les bases d'une comparaison*. Montréal: Balzac, 1992. Col. Univers des discours. P.189-202.
- *Dialectique de l'américanisation*. Québec: GRELCA, 1993.
- LAMONDE, Y. Américanité: Inflation du mot de la notion? *Le Devoir*, Montréal, 1/10/2001.
- LOPES, H. *Letras de Minas e outros ensaios* (Org. de Alfredo Bosi). São Paulo: EDUSP, 1997.
- MARTI, José. *Nossa América*. São Paulo: Hucitec, 1983.
- MIGNOLO, W.D. *Coloniality, subaltern knowledges and border thinking. Local histories/Global designs*. Princeton University Press, 2000.
- MORISSET, J. & WADDEL, E. *Amériques*. Montréal: Hexagone, 2000.
- MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença; a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2001.
- MORENCY, J. *Le mythe américain dans les fictions d'Amérique*. Québec: Nuit Blanche, 1994.
- NEPVEU, P. *Intérieurs du Nouveau Monde*. Montréal: Boréal, 1998.
- PORTO, M.B.V. Tradução e travessia de fronteiras. Viagens pela América na literatura quebequense contemporânea. IN. FIGUEIREDO, E, & SANTOS, E. P., orgs. *Recortes transculturais*. Niterói: ABECAN/EDUFF, 1997.p. 75-90.

- Babel revisitada nas Américas. *Interfaces Brasil/Canadá*. Porto Alegre: ABECAN, n.1, 2001. p. 129-154.
- SCHÜLER, D. O fazer literário no espaço americano. IN Schüller, D. *Na conquista do Brasil*. São Paulo: Ateliê editorial, 2001. P. 11-26.
- THERIAULT, J.Y. L'américanité contre l'américanisation: l'impasse de la nouvelle identité québécoise. Trabalho apresentado no Salon du Livre de Québec, avril 2001.
- VAN SCHENDEL, N. Une américanité de la francophonie? Les perceptions des migrants québécois. IN CUCCIOLETTA, D., éd. *L'Américanité et les Amériques*. Québec: Presses de l'Univ. Laval, 2001. P. 193-224.
- VIEIRA, Antonio. *Sermões: problemas sociais e políticos do Brasil*. 2.e.d São Paulo: Cultrix, 1981.
- *Sermões*. São Paulo: Cia editora Nacional, 1957.